

A INTERFERÊNCIA DA LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO-APRENDIZAGEM EM LÍNGUA FRANCESA

Júlia Simone Ferreira (UFAC)

juliasimonef@yahoo.fr

RESUMO

Este texto apresenta reflexões sobre a interferência da língua materna, o português, no ensino de língua francesa. A partir de experiências em sala de aula, constatamos que o conhecimento prévio da língua portuguesa do aprendiz favorece para a aquisição de uma segunda língua, na alternância de códigos linguísticos. Todavia, nem sempre esta alternância garante o êxito no processo ensino-aprendizagem de língua estrangeira, visto que o aluno tenta substituir elementos linguísticos, morfológicos e sintáticos da língua estrangeira pelos de língua materna. Neste caso, o ideal é trabalhar de forma adequada com as interferências de uma sobre a outra.

Palavras-chave: Interferência. Língua materna. Língua estrangeira.

Sabe-se que para aprender uma língua estrangeira, recorreremos conscientemente ou inconscientemente a nossa língua materna, aquela que aprendemos desde criança. Vigostski menciona justamente que o processo de aprendizado de uma língua estrangeira incide sobre o conhecimento espontâneo da língua materna. Muitos estudos foram feitos sobre a aquisição de uma língua materna, entre eles destacamos, por exemplo: a teoria behaviorista, a teoria do inatismo e a teoria sócio-interacionismo. No que se refere ao estudo da aprendizagem de uma língua estrangeira, a teoria que merece destaque aqui é a interferência de uma língua sobre a outra. Entende-se por interferência quando o aprendiz utiliza, como estratégia comunicativa, o “empréstimo” de sua língua materna para se comunicar em língua estrangeira. Essa *transferência* ou *inserção* se realiza quando seus conhecimentos de língua estrangeira não são suficientes para elaborar enunciados. Verificamos em língua francesa que o aprendiz, em sala de aula, por exemplo, utiliza estratégias, mecanismos, táticas, procedimentos linguísticos de sua língua materna na aprendizagem de uma língua estrangeira. Esse processo de aprendizagem é consciente, uma vez que o aluno deve aprender as características da segunda língua, relativas à fonética, à morfologia e à sintaxe.

A interferência da LM do indivíduo aprendendo uma língua estrangeira é um procedimento que não deve ser ignorado pelo professor em sala de aula. Com efeito, a interferência da língua primeira sobre a língua segunda ocasiona “erros” no processo de ensino-aprendizagem, segundo a abordagem contrastiva.

Para o linguista Sterne, (STERNE, 1983), ocorrem “erros” na aprendizagem de uma língua estrangeira, uma vez que o aprendiz introduz estruturas de sua língua materna para se expressar. A presença de “erros” na interlíngua acontece geralmente em línguas consideradas próximas, as línguas românicas, por exemplo. A interferência da língua materna do aluno na aprendizagem de língua estrangeira acontece de forma consciente e natural é por esta razão que encontramos “erros”, na aprendizagem em LE. Esse assunto divide opiniões entre os linguistas, pois alguns deles consideram prejudicial e outros, por sua vez, consideram benéfica a interferência da língua de partida do aprendiz sobre a língua de chegada. Segundo Pierre Martinez, (MARTINEZ, 1996, p. 22), “le recours à la langue première aide sans doute l’apprenant à structurer ses deux systèmes et se révèle de nature à faire naître des hypothèses sur la L2.”

Para o linguista, José Carlos Almeida Filho, (1995, p. 20) “as línguas próximas condiciona o aprendiz a correlacionar de maneira enganosa seus conhecimentos e percepções em língua estrangeira”. Podemos concluir que a interferência da língua primeira sobre a língua segunda geralmente ocasiona “erros”, já que toda a linguagem carrega dentro de si uma visão de mundo que é característico de cada indivíduo. Visão que é repleta de significados e significações que vai além do seu aspecto formal e gramatical. É importante ressaltar que o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira está diretamente vinculado a fatores culturais. Entende-se por cultura o contexto social no qual existimos, pensamos e nos relacionamos uns aos outros. Cultura é a nossa identidade coletiva. Podemos dizer que linguagem e cultura estão inter-relacionadas intimamente. Com efeito, ao adquirir uma língua estrangeira, o aprendiz estará adquirindo também as ideologias e a cultura que acompanham o idioma. Assim, o aluno relaciona a língua materna à língua estrangeira, o aprendizado e o desenvolvimento são inter-relacionados. Isso acontece porque ele traz consigo mesmo o conhecimento prévio em língua materna, conhecimento que vai facilitar o aprendizado em língua estrangeira, na qual

ele relaciona: o mundo, a cultura, a escrita, a fonética etc. É dessa forma que a interferência ocorre, ou seja, ele vai se servir de sua língua materna, de seus conhecimentos existentes para compreender a língua estrangeira.

Na aprendizagem da língua francesa, percebemos que o aluno utiliza aspectos “facilitadores” na aprendizagem do idioma. Por exemplo, nos pronomes pessoais do caso reto, ele vai se apoiar na LM para aprender o funcionamento da LF e assim memorizar com mais facilidade. Exemplos: *je/eu, tu/tu, il/elle, ele/ela, nous/nós, vous/vós, ils/elles, elles/elas*

Em sala de aula, observamos também que o aprendiz apoia na LM para identificar a estrutura das frases, em: sujeito/verbo/complemento. Exemplo:

Em francês: *Il parle correctement la langue française*, em português: *Ele fala corretamente a língua francesa*.

No exemplo acima, observamos a presença de cognatos, ou seja, semelhanças na grafia ou nos sons das palavras. A interferência da LM sobre a LE, neste caso, ocasiona de forma positiva.

Por outro lado, a interferência da LM pode funcionar de forma negativa no aprendizado de LE, ocasionando a presença de falsos cognatos. Exemplos de interferências ocorridos em sala de aula:

1) “*Ma amie*”

2) “*J’ai un voiture*”

No primeiro exemplo, “*ma amie*”, o aluno pronunciou ou escreveu desta forma, ou seja, ele fez a concordância do gênero na língua portuguesa que seria: “*minha amiga*”. Mas em francês, para evitar o encontro de duas vogais se pronuncia: “*mon amie*”, com o *gênero masculino do adjetivo possessivo “mon”* e não “*ma amie*” que, na elisão de duas vogais, daria cacofonia em francês, cuja palavra significaria, “*mamie*”, ou seja, “*vó*” em francês.

No segundo exemplo, “*j’ai un voiture*”, o aprendiz relacionou as duas línguas na utilização do gênero, ou seja, ele escreveu a palavra “*voiture*” como sendo masculina, mas em francês, *voiture* é do gênero feminino, então deveríamos dizer: “*une voiture*”. Nesses dois

exemplos, os alunos relacionaram seus conhecimentos de LM à LE e não perceberam as diferenças nas estruturas gramaticais de ambas as línguas.

É comum “o erro” na utilização dos falsos cognatos pelos alunos em sala de aula, como no exemplo abaixo em que a grafia é parecida com o português, mas o significado é completamente diferente:

Exemplos: em francês, falso cognatos, em português

<i>Depuis</i>	– <i>depois</i>	– <i>desde</i>
<i>Par</i>	– <i>para</i>	– <i>por</i>
<i>Pourtant</i>	– <i>portanto</i>	– <i>entretanto</i>
<i>Gâteau</i>	– <i>gato</i>	– <i>bolo</i>
<i>Baton</i>	– <i>batom</i>	– <i>bastão</i>

Se quisermos traduzir a palavra “*batom*” do português para o francês, deveríamos dizer “*rouge à lèvres*” que significa batom.

Pode-se dizer então que a interferência da LM em LE seria prejudicial ao aprendizado? Poderíamos dizer que, num determinado momento sim, no entanto a partir do instante em que o aluno passou pela interferência, pela observação dos fatos, ele refletiu sobre o “erro” e pode compreender o funcionamento da LM e também da LE.

Outra prática em sala de aula é a apresentação de expressão idiomática, que são palavras ou frases em que o “uso” consagrou. São expressões empregadas sem um sentido literal, como a frase: “*casser les pieds*” que em português corresponde a expressão “*encher o saco*”. Esse procedimento chama a atenção dos alunos que se mostram interessados em conhecer expressões utilizadas em outras culturas.

Outro procedimento que encontramos na sala de aula é a tentativa de se fazer uma tradução no sentido literal das palavras, o contexto deve ser essencial e o termo deve aparecer em seu uso real, para evitar equívocos. Por exemplo: a palavra “*robe*” que significa “*vestido*” em português e a palavra “*robe de chambre*” significa “*penhoar*” em português, e não “*vestido de quarto*”.

Finalmente, observamos em sala de aula que o aluno faz a interferência de sua LM no aprendizado de LE, pois ele faz uso de sua língua para aprender outra, conforme exemplos apresentados anteriormente. O interessante nesse procedimento é que o aluno reflita sobre o percurso de sua aprendizagem. Nessa reflexão, passando pelos códigos linguísticos já existentes de sua LM, poderá ou não dificultar o aprendizado em LE. O importante é que o próprio aprendiz efetue as transfêrencias de seus conhecimentos e de suas habilidades adquiridos no aprendizado de LM e de LE, de modo reflexivo. Dessa forma, o aprendizado em LE proporciona o enriquecimento do aluno, que vai além da aquisição de habilidades linguísticas e permite ao aprendiz uma nossa percepção da linguagem, desenvolvendo seu conhecimento tanto na LE quanto na própria LM.

REFERÊNCIAS

- STERN, H. H. *Fundamental concepts of language teaching*. Oxford: OUP, 1983
- MARTINEZ, Pierre. *La didactique des langues*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.
- ALMEIDA FILHO, José Carlos de. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. Campinas: Pontes, 1993.
- PORCHER, Louis. *L'enseignement des langues étrangères*. Paris: Hachette, 2004.